

Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)



Todos os trabalhos publicados aqui estão sob uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. Fonte: <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/RICI/>. Acesso em; 27 set. 2018.

REFERÊNCIA

SUPO, Julia Judith; SUAIDEN, Emir José. O impacto das bibliotecas digitais na transferência da informação para os alunos indígenas. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 3, p. 625-644, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/RICI/article/view/10402/9638>>. Acesso em: 27 set. 2018.

O impacto das bibliotecas digitais na transferência da informação para os alunos indígenas

Julia Judith Supo

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil
supojuliaju@gmail.com

Emir José Suaiden

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil
emir@unb.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v11.n3.2018.10402>

Recebido/Recibido/Received: 2018-03-15

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2018-06-19

Resumo: Esta pesquisa analisa o uso das Bibliotecas Digitais da Biblioteca Central (BCE) pelos estudantes indígenas da Universidade de Brasília (UnB), na realização das atividades acadêmicas e de pesquisa. O estudo tem como objetivos específicos identificar os perfis acadêmicos dos estudantes indígenas na UnB; detectar se esses estudantes conhecem as bibliotecas digitais da BCE/UnB e distinguir suas competências informacionais no uso destas plataformas; verificar como eles as utilizam em suas atividades acadêmicas e de pesquisa; e, por último, constatar possíveis dificuldades dos estudantes indígenas no uso das bibliotecas digitais. O estudo é de natureza teórica, exploratória e descritiva. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma abordagem quali-quantitativa, não experimental e de cunho etnográfico. A amostra abrangeu estudantes indígenas matriculados na UnB. Os resultados mostraram que esses estudantes acessam às bibliotecas digitais, porém, com frequência mínima. Em relação ao comportamento informacional, embora o estudo mostre que eles estão influenciados pela modernidade, quando buscam informações para satisfazer suas necessidades informacionais, as bibliotecas digitais da BCE não são prioridade, pois preferem acessar o buscador *Google*.

Palavras-chave: Acesso à informação. Bibliotecas digitais. Bibliotecas universitárias. Competência em informação. Estudo de usuários. Internet. Povos indígenas. Universidade de Brasília.

The impact of digital libraries on the transfer of information to indigenous students

Abstract: This research analyzes the use of the Digital Libraries of the Biblioteca Central (BCE) by the indigenous students of the University of Brasília (UnB), precisely in the accomplishment of academic and research activities. The specific objectives of this study are: to identify the academic profiles of the indigenous students in the UnB; detect if these students are familiar with the BCE/UnB digital libraries and distinguish their informational skills in the use of these platforms; check how do they use them in their academic and research activities; and, finally, to identify possible difficulties of the indigenous students in the process. This study is theoretical, exploratory and descriptive. From the methodological point of view, it is a quali-quantitative, non-experimental and ethnographic approach. The sample included indigenous students enrolled in UnB. The results showed that these students access digital libraries, however, with minimal frequency. Regarding informational behavior, although the study shows that they are influenced by modernity, when they seek information to meet their information needs, BCE digital libraries are not a priority because they prefer to access the Google search engine.

Keywords: Academic libraries. Access to information. Digital libraries. Indian people. Information competence. Internet. University of Brasilia. Users studies.

El impacto de las bibliotecas digitales en la transferencia de información a los alumnos indígenas

Resumen: Esta investigación analiza el uso de las Bibliotecas Digitales de la Biblioteca Central (BCE) por los estudiantes indígenas de la Universidad de Brasília, en la realización de las actividades académicas y

de investigación. El estudio tiene como objetivos específicos identificar los perfiles académicos de los estudiantes indígenas en la UnB; detectar si esos estudiantes conocen las bibliotecas digitales de la BCE/UnB y distinguir sus competencias informacionales en el uso de estas plataformas digitales; verificar como ellos las utilizan en sus actividades académicas y de investigación; y, por último, constatar posibles dificultades de los estudiantes indígenas en el uso de las bibliotecas digitales. El estudio es de naturaleza teórica, exploratoria y descriptiva. De punto de vista metodológico, se trata de una investigación cuali-cuantitativa, no experimental y de cuño etnográfico. La muestra abarca estudiantes indígenas matriculados en la UnB. Los resultados muestran que esos estudiantes acceden a las bibliotecas digitales, sin embargo, la frecuencia es mínima. En relación con el comportamiento informacional, en buena hora, el estudio muestra que ellos están influenciados por la modernidad, cuando buscan informaciones para satisfacer sus necesidades de información, las bibliotecas digitales de la BCE no son una prioridad, pues ellos prefieren acceder a *Google*.

Palabras clave: Acceso a la información. Bibliotecas digitales. Bibliotecas universitarias. Competencia en información. Estudio de usuarios. Internet. Pueblos indígenas. Universidad de Brasilia.

1 Introdução

A internet a maior rede de comunicação universalizou a transmissão da informação, o que motivou interesse em conhecer como os estudantes indígenas da Universidade de Brasília (UnB) estão acessando as bibliotecas digitais disponibilizadas pela Biblioteca Central (BCE) para realizar suas atividades acadêmicas e de pesquisa, colaborando na formação profissional. De outra parte, a constatação de que as populações indígenas ainda são excluídas da sociedade, ou seja, os indígenas não têm oportunidades iguais de acesso à informação, saúde, educação, etc.; fenômeno que remonta há mais de 500 anos de luta pelo acesso a todo tipo de bem-estar humano.

Assim, é inconcebível que no século XXI grande parte da população indígena ainda não tenha acesso à educação universitária. É inadmissível que eles sejam considerados quase marginalizados ou quase párias, não porque eles gostam de viver como indígenas isolados, senão porque têm sua própria cosmologia ou filosofia sobre a natureza, isso porque esses grupos se reconhecem como parte dela e sua existência não pode ser ignorada. Na opinião de Caleffi (2003), ser indígena no século XXI é ser portador de um *status* jurídico que lhe garante uma série de direitos. Para Fialho, Menezes e Ramos (2013), no caso das populações indígenas brasileiras, foi só a partir do século XXI que elas tiveram acesso aos estudos em nível superior, resultado de lutas de diversos indígenas. Antes, o acesso à educação superior acontecia apenas nas universidades privadas, financiados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Atualmente com acesso às universidades federais, é importante saber como o uso de recursos informacionais como as bibliotecas digitais pode contribuir para o sucesso acadêmico dos estudantes indígenas, particularmente com o advento da evolução das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Tal fato deu origem a este estudo, em que se julgou importante saber: como os estudantes indígenas da UnB utilizam as bibliotecas digitais para as

atividades acadêmicas e de pesquisa? Por conseguinte, deseja-se conhecer em que medida o material produzido pela UnB tem relevância nas atividades, bem como saber se eles têm desenvolvido competências informacionais para o uso das bibliotecas digitais da BCE/UnB.

Para tanto, esta pesquisa partiu de cinco pressupostos: os estudantes indígenas da UnB não acessam às bibliotecas digitais por falta de conhecimento; a falta de cultura tecnológica faz com que os estudantes não acessem às bibliotecas em questão; os estudantes indígenas não tem capacitação para o uso eficaz das bibliotecas digitais; o uso das bibliotecas digitais favorece o desenvolvimento das atividades acadêmicas e de pesquisa; e por fim, a língua dificulta o uso das bibliotecas digitais pelos estudantes indígenas da UnB.

Desta forma, o objetivo da pesquisa foi identificar e analisar o uso das Bibliotecas Digitais da BCE pelos estudantes indígenas da UnB, na realização das atividades acadêmicas e de pesquisa. Para tanto, foram considerados como objetivos específicos: identificar os perfis acadêmicos dos estudantes indígenas da UnB; detectar se esses estudantes conhecem as bibliotecas digitais da BCE/UnB; distinguir suas competências informacionais no uso destas plataformas; verificar como eles as utilizam e as possíveis dificuldades no processo.

Neste contexto, foram selecionados estudantes indígenas matriculados na UnB como amostra para o estudo. Para embasar a análise dos dados coletados, a revisão de literatura aborda considerações sobre biblioteca digital, letramento informacional, usuários, necessidades de informação e o indígena na Universidade de Brasília.

2 Biblioteca digital

De acordo com Digital Library Federation (1998) as bibliotecas digitais são como organizações que fornecem recursos e pessoal especializado para selecionar, estruturar, oferecer acesso, interpretar, distribuir, preservar a integridade e assegurar a preservação de coleções de obras digitais, de forma que estejam prontas e economicamente disponíveis para o uso de determinada comunidade. Sayão (2007) aponta que a biblioteca digital é um sistema aberto de múltiplas interligações e subsistemas, que envolve profissionais especializados de diversas áreas, recursos informacionais, usuários, tecnologia de informação, procedimentos, padrões, protocolos e compromissos de longo prazo.

Sob outra perspectiva, Vargas (2005, p. 31)¹ destaca que “as bibliotecas digitais oferecem os mesmos serviços que a biblioteca tradicional, só que mediante a utilização de ferramentas tecnológicas que facilitam o armazenamento, a busca e a recuperação eletrônica”. Esta visão é corroborada por Cleveland (2001), que indica que as bibliotecas

¹ TORRES VARGAS, Georgina Araceli. La biblioteca digital. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. ix, 69 p. (Colección Sistemas bibliotecarios de información y sociedad).

digitais têm finalidades, funções e objetivos similares às tradicionais, tais como desenvolvimento e gestão de coleções, análise de temas, criação de índices, fornecer o acesso à informação qualificada, prestar serviços de consulta e preservação de acervos, por exemplo.

Na opinião de Cunha (2000), biblioteca digital é o termo empregado para o conjunto de mecanismos eletrônicos que têm o propósito de facilitar o atendimento da necessidade de informação, interligando recursos e usuários. A propósito, Le Coadic (2004) declara que fazer uso da biblioteca digital significa usar a informação, ou seja, trabalhar com a matéria informação para obter um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação. Dessa forma, as bibliotecas digitais proporcionam facilidades para o acesso à informação, possibilitam ampliar o conhecimento e desempenham o papel indispensável no processo de aprendizado dos usuários.

Para Tammaro e Salarelli (2008), as bibliotecas digitais contêm três elementos essenciais: o usuário, os conteúdos e os serviços de acesso. O usuário é o público-alvo e a biblioteca precisa conhecer as necessidades específicas e as diversas atividades exercidas pelos usuários, que devem estar aptos a usar os serviços disponíveis. Os conteúdos são os objetos digitais, que devem estar organizados e estruturados em coleções segundo normas próprias, além de disponibilizados em rede. Os serviços de acesso são caracterizados por interfaces ou serviços mediados pelo pessoal bibliotecário.

3 Letramento informacional

De acordo com Soares (2012, p. 17), “o termo letramento é uma tradução para o português do inglês *“literacy”*, que vem do latim *“littera”* (letra), como o sufixo *“cy”* que denota qualidade, condição, estado, fato de ser”. A autora considera que o conceito de letramento não possibilita uma definição precisa, porque abarca uma gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções próprias. O letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição.

Sobre isso, Campello (2009, p. 12) afirma que “O termo letramento informacional (LI) foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos, na década de 1970, para caracterizar competências necessárias ao uso das fontes eletrônicas de informação, que começavam a ser produzidas na época”. A autora defende que o LI constitui uma capacidade essencial, indispensável aos cidadãos para se habituar à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento. Isto implicaria que os cidadãos tenham capacidade de entender suas necessidades de informação e de localizar, selecionar e interpretar informações, utilizando-as de forma crítica e responsável.

Para a Association of College and Research Libraries (2000), os seres humanos precisam de um conjunto de competências para reconhecer quando a informação é necessária e ter a capacidade de localizar, avaliar e utilizar eficazmente a informação, já que, o LI constitui a base para o aprendizado ao longo da vida. Logo, é comum a todas as disciplinas, a todos os ambientes de aprendizado, e todos os níveis de ensino. Permite que os alunos, ao dominar o conteúdo e estender as suas investigações, tornem-se mais autogeridos, assumindo maior controle sobre seu próprio aprendizado.

A esse respeito, Suaiden e Leite (2016) afirmam que, para gerar esses tipos de indivíduos, escolas e universidades devem incorporar o conceito de competência em informação nos seus programas de aprendizagem. Tendo em conta que as universidades albergam estudantes de diversos lugares, é necessário considerar que os alunos devem ter habilidades para buscar, recuperar, avaliar e utilizar a informação para desenvolverem atividades acadêmicas e de pesquisa com finalidade de produzir novos conhecimentos. Não ter estas habilidades na era da tecnologia, repercutirá desfavoravelmente no processo de formação profissional dos estudantes.

Esse contexto justifica porque o letramento informacional é tratado por diversos autores e organizações. Para isto, os indivíduos têm de ser alfabetizados no manejo das TIC, precisam ter habilidades, cultivar o aprendizado independente para buscar informação relacionada a seus interesses pessoais para arranjar novos conhecimentos. Além do que, as pessoas devem utilizar a informação com responsabilidade ética, para produzir novas informações e se comunicar, eficaz e eficientemente.

4 Usuários e Necessidades de informação

Segundo Guinchat e Menou (1994), o usuário é elemento essencial de todos os sistemas de informação. Na prática, é um especialista de informação que trabalha em uma unidade de informação. Fuhr [et. al.] (2007) enfatizam que, os usuários de uma biblioteca devem ser o componente inicial de qualquer processo de interação, pois possuem características complexas e estão em constante evolução. Isso justifica ao se perceber que a sociedade, nos dias atuais, é conhecida como a sociedade da informação, constituída por indivíduos que buscam e usam constantemente a informação.

Nesse contexto, se percebe a necessidade de evolução das bibliotecas segundo as demandas da sociedade, por serem instituições que contribuem para a humanidade. As bibliotecas no século XXI enfrentam questões ligadas às condições de ampliação e democratização do acesso. Além disso, têm que promover a efetiva capacitação do usuário para a utilização do repertório informacional, uma vez que é necessário desenvolver

capacidades de interpretação, avaliação, organização da informação e seu uso para apropriação de novos conhecimentos, habilidades e valores, de forma a transitar nesse novo ambiente (SANTOS, 2013).

As bibliotecas devem maximizar a utilização das TIC uma vez que são espaços de aprendizado e pesquisa (FUHR [et. al.], 2007). Daí, os usuários de qualquer biblioteca, nem sempre têm as habilidades para acessar às informações científicas e acadêmicas, e isso acontece porque nem todos tem educação de qualidade. No caso dos estudantes indígenas da UnB tem acesso à educação e a tecnologia, enquanto moram nas cidades, porém a falta de uma infraestrutura adequada nas aldeias indígenas dificulta o acesso à educação e tecnologia adequada.

No Brasil, por exemplo, existem populações indígenas com diferentes etnias e com grande diversidade linguística e cultural. E, geralmente, estas populações são excluídas do uso das TIC, produzindo-se a brecha digital, produto das diferenças das classes sociais, econômicas e dificuldades de acesso à informação.

Por outro lado, as necessidades de informação (NI) envolvem processos de busca da informação, que se diferenciam das necessidades físicas originadas nas exigências da natureza tais como dormir, comer etc. O que motiva uma pessoa a procurar informação é a resolução de problemas e a constatação de um estado anômalo de conhecimento insuficiente (LE COADIC, 2004). Logo, é vital preparar as pessoas para que consigam compreender a melhor forma de definir as suas NI, o que exige saber buscar e acessar efetivamente a informação adequada, avaliando se é pertinente à busca e o quão relevante, organizando-a adequadamente e, ainda, deve saber transformá-la em conhecimento (SUAIDEN, 2013). Nesse contexto, se percebe a importância das necessidades informacionais para os usuários, particularmente estudantes indígenas em busca de formação acadêmica.

5 O indígena na Universidade de Brasília

A motivação preliminar no desenvolvimento desta pesquisa surgiu na percepção de que a população indígena em geral é excluída da sociedade, o que dá origem ao aumento de carências econômicas e educacionais, advindas geralmente da gestão deficiente das políticas públicas.

O acesso à educação universitária foi uma motivação das lutas indígenas. Para Fialho, Menezes e Ramos (2013), até a década de 1980, o acesso à educação superior dos indígenas brasileiros só se dava por meio das instituições particulares. Nesse período, a demanda pela educação superior não chegava a 200 estudantes em todo o país, sendo que a única instituição responsável pelo fomento ao acesso de indígenas à educação era a Fundação Nacional do

Índio (FUNAI). Para tanto, a FUNAI efetivou convênio com a UnB com vistas à formação e qualificação de profissionais indígenas, como parte do programa de Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Racial da UnB. Inicialmente, a universidade abriu 15 vagas para indígenas que já tinham cursando nível superior em instituições particulares na região de Brasília. Na época, as vagas foram ocupadas por índios das tribos Xavante, Pataxó, Tukano, Macuxi e Pankararu (PPIB, 2004).

Desde então, a oferta de cursos para os alunos indígenas de graduação varia de acordo com as necessidades das tribos e a disponibilidade de vagas na instituição. A UnB disponibiliza dez vagas por semestre para indígenas, atendidas via processo seletivo. Ainda, a UnB dá apoio acadêmico para que permaneçam na instituição e, em contrapartida, a FUNAI oferece suporte de moradia aos indígenas [UnB, 2004]. Até o ano de 2013, a UnB ofertou seis cursos presenciais de graduação oferecidos em dois *campi* da UnB, Darcy Ribeiro e Ceilândia, quais sejam: Agronomia, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Enfermagem, Engenharia Florestal e Medicina (UnB, 2014).

Entretanto, na pós-graduação, só algumas faculdades oferecem cotas para indígenas, como no caso do Departamento de Linguística, Português e Línguas clássicas para o curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística. O número total de vagas oferecidas para o mestrado acadêmico para candidatos/as indígenas é de cinco vagas (UnB, 2016a). O programa de pós-graduação em Antropologia Social oferece uma vaga para candidatos/as autodeclarados/as indígenas para o curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UnB, 2016b). O Programa de Pós-Graduação em Direito também oferece vagas para indígenas nos cursos de Mestrado Acadêmico, duas vagas, e no Doutorado, apenas uma vaga (UnB, 2016c).

6 Metodologia

Considerando o interesse no atendimento aos objetivos, esta investigação é considerada do tipo exploratório-descritivo, uma vez que o tema do estudo ainda não foi desenvolvido a partir da ótica da Ciência da Informação, particularmente quanto ao uso de bibliotecas digitais por estudantes indígenas em universidades. Para Kauark, Manhães e Medeiros (2010), a pesquisa exploratória tem como objetivo ampliar a familiaridade com o problema, tornando-o mais compreensível. E, segundo a opinião de Tamayo y Tamayo (1999), as investigações descritivas têm o propósito de descrever as características de uma população. Não há interesse em comprovar explicações, nem provar hipóteses. Da mesma forma Kothary (2004) afirma que, a principal característica atribuída a este método é que o pesquisador só pode relatar o que aconteceu ou o que está acontecendo, sem controle sobre as variáveis.

Quanto à abordagem metodológica, trata-se de estudo que faz uso de análise quantitativa e qualitativa. Creswell (2010) trata este tipo de abordagem como método misto, tipo de procedimento que pode servir a um propósito maior, transformativo, para salvar grupos marginalizados, como mulheres; minorias étnico-raciais; comunidades lésbicas, *gays*, bissexuais e transexuais; cidadãos portadores de deficiências e populações desfavorecidas. Os métodos mistos têm estratégias particulares na coleta de dados, quais sejam: procedimentos de métodos mistos sequenciais, concomitantes e transformativos, em que o objetivo é proporcionar o melhor entendimento de um problema de pesquisa. Para tanto, a coleta de dados pode começar com um método quantitativo, no qual uma teoria é testada, e continuada com um procedimento qualitativo que envolva uma exploração detalhada de alguns casos ou indivíduos.

Para este estudo, a opção foi por métodos mistos sequenciais, em que o pesquisador procura elaborar os achados de um método com os de outro método. Sob outra perspectiva, a natureza da pesquisa é teórica, em que o pesquisador pode ter como propósito desenvolver novas teorias ou estabelecer novas hipóteses nos vários campos do saber humano, quer por dedução, indução e por analogia (SANTOS FILHO, 1998). Ainda, foi selecionado o método etnográfico, que permite a utilização de métodos diversos de coleta de dados, além da observação direta e participante, em que o pesquisador poderia deter-se em outros métodos ou procedimentos (CUNHA; RIBEIRO, 2010). Para fins desta pesquisa, foi utilizada a entrevista com os indivíduos objetos do estudo.

Conforme Travancas (2010), dentro do campo etnográfico existem dois instrumentos importantes de coleta de dados – as entrevistas abertas e em profundidade e a observação participante. Entretanto, a etnografia é entendida como um método de pesquisa qualitativa que apresenta características específicas, que podem incluir questionários ou dados estatísticos como informações complementares. As técnicas para a coleta de dados utilizadas neste estudo foram enquete e entrevista, na forma de um questionário com 25 questões e roteiro de entrevistas com 10 perguntas, ambas destinadas a estudantes indígenas na UnB, com vistas a comparação de dados e análises quantitativa e qualitativa. O questionário possibilitou a obtenção de dados sobre perfil dos estudantes; competências informacionais; conhecimento, uso e dificuldades de uso das bibliotecas digitais. Já as entrevistas conseguiram identificar, mais detalhadamente, o conhecimento e uso das bibliotecas digitais, bem como as dificuldades para acessá-las.

O universo desta pesquisa abrange alunos indígenas que estudam na Universidade de Brasília. Na coleta de dados não se fez a diferença entre alunos da graduação e pós-graduação, já que, o foco da pesquisa é conhecer como fazem o uso das bibliotecas digitais. Para mais, a

amostra conformou tanto homes como mulheres. Até o segundo semestre de 2017, 67 indígenas estudaram na UnB, sendo 42 na graduação e 25 da pós-graduação (TORRES/SECOM UNB, 2017). Porém, pode-se constatar que, em 2014, os estudantes indígenas das diferentes etnias conformaram um total de 74 estudantes (UNB, 2014). Dois anos depois, esse número foi reduzido para 60 indígenas matriculados na UnB. Para a coleta de dados usou-se a amostragem não probabilística por conveniência, em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende em parte, do bom julgamento do pesquisador. Foram selecionados os membros da população mais acessíveis para a realização do estudo. Para Oliveira (2001), este tipo de amostra é adequado e frequentemente utilizado na geração de ideias em pesquisas exploratórias, principalmente.

À luz disso, a amostra para os dados quantitativos representou 37% do total de estudantes indígenas matriculados no semestre 2º/2017, quer dizer que para a coleta de dados quantitativos contatamos 33 estudantes indígenas. Destes, 25 responderam o questionário e quatro alunas de graduação indicaram que nunca acessaram as bibliotecas digitais. Vale destacar ainda que ao menos uma expressou que sequer sabia que a UnB tinha bibliotecas digitais. Tal desconhecimento é importante, haja vista que as alunas pertencem aos cursos de biologia, enfermagem, nutrição e uma delas manifestou pertencer à área de saúde. Outro aspecto relevante apontado por uma aluna do curso de Pós-Graduação na área de antropologia, que manifestou que estava pesquisando na sua aldeia e que, apesar de ter muita vontade de colaborar com a pesquisa, não podia preencher o formulário *on-line* por ter dificuldades para acessar à internet. Outros três discentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) declararam que nunca acessaram as bibliotecas digitais, sendo que um deles sequer acessa o acervo da BCE.

A meta para a coleta de dados quantitativos foi estabelecida considerando a totalidade dos 56 estudantes indígenas, efetivamente matriculados no primeiro semestre do ano de 2017. Porém, no segundo semestre, a população de estudantes indígenas aumentou, totalizando 67 indivíduos. O questionário foi disponibilizado para o preenchimento *on-line* por um período de duas semanas, entre 02 e 14 de outubro de 2017. Nesse período, apenas seis pessoas preencheram o questionário, o que demandou mudança de estratégia para a coleta de dados por meio de preenchimento presencial, além de estender o período da coleta de dados *on-line* até 20 de novembro de 2017. Apesar destes esforços, não foi possível conseguir a colaboração de todos os alunos indígenas da UnB, uma vez que estudam em diferentes faculdades e horários diversos, o que dificultou a realização da coleta de dados na forma presencial.

Como forma de divulgação e incentivo à participação na pesquisa foram encaminhados convites aos estudantes indígenas por mensagem de *e-mail* em cinco oportunidades. Além disso, foi realizada coleta de dados na sede da Maloca²; no Centro Comunitário Athos Bulcão, onde se desenvolveu o III Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena (realizado no período de 15 a 19/10/2017). Outro encontro que também gerou dados aproveitados no estudo foi a roda de conversa com o líder indígena Davi Kopenawa, que discutiu os temas Ciência, tradição e cosmopolítica, evento desenvolvido em 19/10/2017 no âmbito do PPGLA. Além disso, foram enviados convites para alguns alunos por meio de redes sociais, notadamente o aplicativo de mensagens *Whatsapp*.

Diante deste cenário, obteve-se 25 participantes no total, sendo que 15 estudantes responderam as questões *on-line* e 10 preencheram presencialmente até a data de 20 de novembro, quando a amostra foi definida por limitação de tempo. Já para a coleta de dados qualitativos, via entrevistas realizadas nos dias 28 e 29 de setembro de 2017, a amostra totalizou 11 respondentes, 16 % da população total de estudantes indígenas.

7 Discussão dos resultados

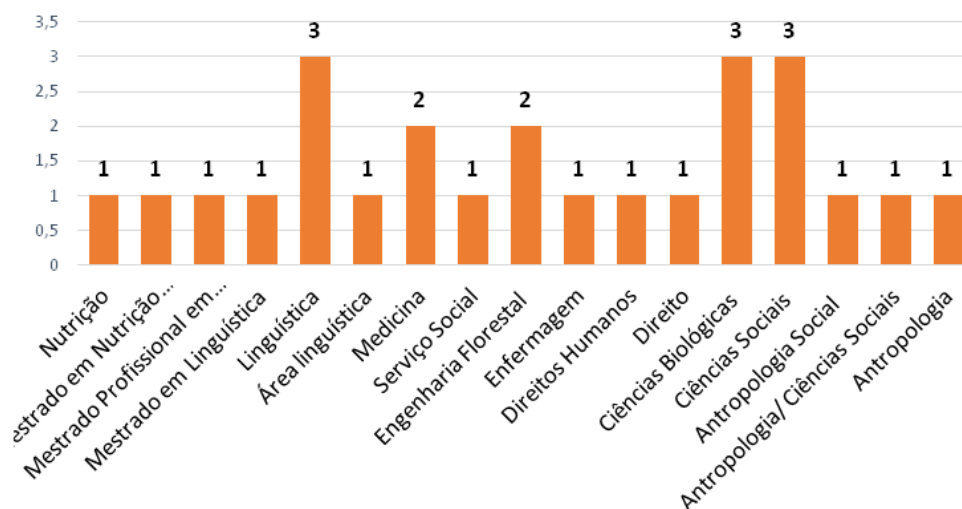
Esta seção apresenta as análises dos resultados das coletas de dados quantitativos e qualitativos, devidamente apoiados nos objetivos e pressupostos, iniciando com os perfis acadêmicos dos estudantes indígenas na UnB, público-alvo do estudo. Depois, as análises das competências informacionais destes estudantes, seguidas do quanto conhecem e utilizam as bibliotecas digitais, incluindo a avaliação das dificuldades no uso destas plataformas para o desenvolvimento das atividades acadêmicas e de pesquisa.

Quanto aos perfis acadêmicos dos estudantes indígenas na UnB foram mapeados gênero, faixa etária, curso, nível de escolaridade, semestre, etnia, idioma e estado de origem dos respondentes, bem como a disponibilidade de acesso à internet e às relações interpessoais – como interação, se sentem discriminação, por exemplo. Foram contabilizados 25 estudantes indígenas provenientes de diversas etnias brasileiras, dos quais 14 (56%) eram mulheres e 11 (44%) homens, a maioria (40%) na faixa etária entre 31 e 40 anos, que preencheram todas as cotas ofertadas para indígenas, como apresentado na Figura 1. Os interessados na pós-graduação puderam contar com poucas vagas oferecidas no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas; Departamento de Antropologia Social e a Faculdade de Direito.

² Maloca é como estudantes e professores chamam o Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas da Universidade de Brasília, criado em 2014 para ser referência da cultura indígena na UnB. Possui salas de aula, laboratório de informática e espaços usuais da arquitetura indígena, como redário e pátio cerimonial (Cf. em <http://unb2.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=9154>).

Destes, o curso de linguística obteve maior adesão de alunos, que correspondeu a 5 respondentes estudam pós-graduação em linguística.

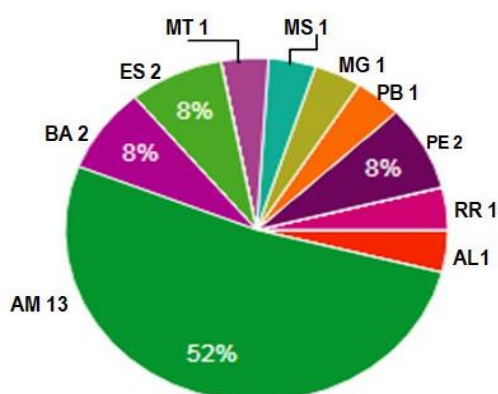
Figura 1 - Cursos e ocupação de vagas para indígenas



Fonte: elaboração própria.

Sobre o nível de escolaridade, os resultados coletados mostram que tem maior predominância na graduação 56% (14) e em pós-graduação 44% (11). Em relação ao semestre, dentre as respostas previstas no questionário a que obteve maior índice foi o 4º período 28%. Em referência a etnias e estado de origem, a maior parte dos estudantes pertence às etnias Ticuna 16% (4) e Baniwa 3 (12%), do estado de Amazonas, estado de origem predominante dentre os 25 estudantes indígenas entrevistados, representado o 52% do universo, conforme demonstrado na Figura 2.

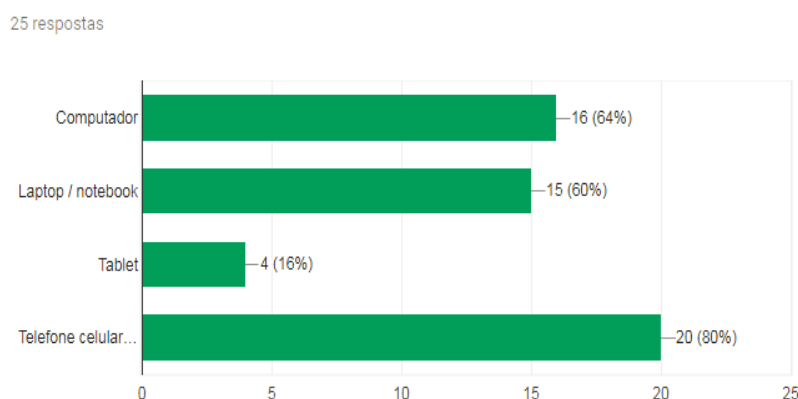
Figura 2 - Etnias de origem



Fonte: elaboração própria.

Analisando o idioma, a maioria dos entrevistados fala o idioma espanhol 44% (11) e o 12% (3) fala inglês. Vale destacar a importância de conhecer quais são os idiomas falados pelos estudantes indígenas além do português, uma vez que saber falar outros idiomas é indispensável na sociedade da informação, onde a maior parte das informações científicas e acadêmicas é disponibilizada em outras línguas, predominantemente em na língua inglesa. Outra característica é que a totalidade dos estudantes indígenas possui algum recurso eletrônico para acessar a internet – computador, *laptop*, *tablet* ou *smartphone*, como mostra a Figura 3. Além de realizar pesquisas acadêmicas, usam para outras atividades como conectar-se às redes sociais, acessar os conteúdos de entretenimento e ler notícias, sendo que 92% (23) indicaram que utilizam o acesso à web ofertado pela instituição.

Figura 3 – Acesso à internet por meio de recursos eletrônicos



Fonte: elaboração própria.

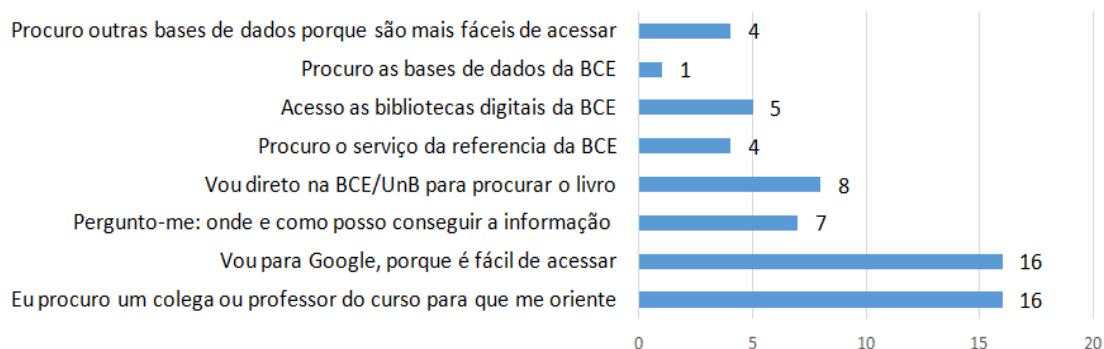
Ainda no perfil acadêmico dos estudantes indígenas, julgou-se importante agregar um indicador, as relações humanas, notadamente analisando o trabalho em equipe. A proposta foi conhecer como eles interagem com os colegas para realizar atividades acadêmicas e identificar fatores como discriminação e capacidade de interação aos demais estudantes. Os resultados mostraram que 96% (24) dos estudantes indicaram ser favoráveis a trabalhar em equipe, que serve para melhorar a comunicação ou para incentivar o bem comum.

8 Competências informacionais dos estudantes indígenas

A análise das respostas do questionário mostra que os estudantes indígenas quando precisam de informação para desenvolver atividades acadêmicas ou de pesquisa, destacaram-se as opções de recorrer ao *Google* (porque acham fácil) ou procuram um colega/professor para solicitar orientação, com 16 respostas cada uma. Em seguida, a opção de consulta direta

ao acervo da BCE para procurar livros, conforme as indicações do professor ou da bibliografia fornecida nas ementas da disciplina, como mostra a Figura 4.

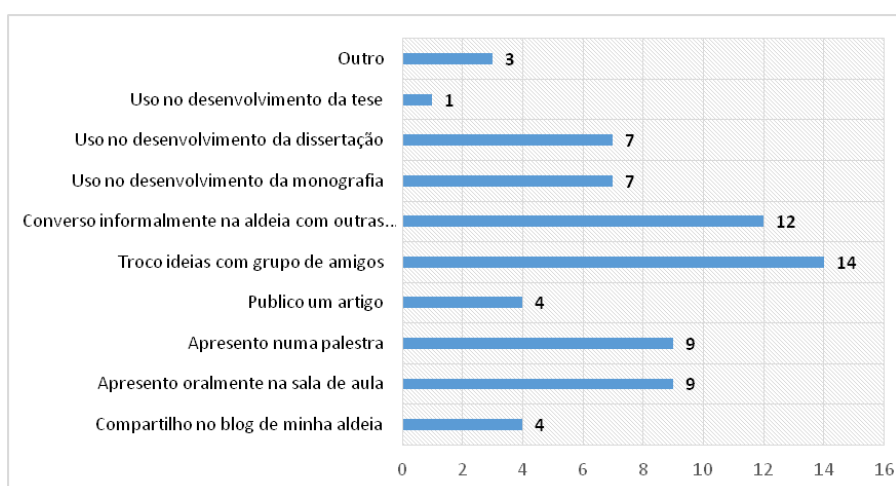
Figura 4 - Habilidades para o acesso à informação



Fonte: elaboração própria.

Sobre a forma de gerenciar a informação, os respondentes indicaram que copiar o *link* para acessar o conteúdo em outra oportunidade é a forma mais usada, com 16 afirmativas, seguida de armazenar em arquivo pessoal ou na *nuvem*, com 14 respondentes. Ainda, 12 dos participantes indicaram que fazem interpretação própria e aplicam na questão base das necessidades de informação, fomentando o aprendizado. Uma dezena de estudantes compartilha a informação com colegas do grupo de estudo, o que demonstra interação no uso da informação, como demonstrado na questão seguinte, que trata do destino da nova informação, produto do aprendizado. Neste caso, 14 respostas indicam a preferência de compartilhamento com grupo de amigos, seguida de conversa informal com membros da aldeia, com 12 respostas. As questões de compartilhamento se seguem em formato diferenciado, que incluem palestras e comunicações científicas. E, a inclusão do novo conhecimento em blog da aldeia, o que potencializa a questão de compartilhar entre os membros da comunidade, resultados apresentados na Figura 5.

Figura 5 - Habilidades para gerir o conhecimento



Fonte: elaboração própria.

Outros indicadores do instrumento buscaram identificar como os estudantes avaliam a informação pesquisada nas plataformas digitais, em que se destacou a avaliação do conteúdo e o resumo da obra, com 19 e 17 respostas, seguidas da checagem do título e ano de publicação com 13 indicações cada. São escolhas importantes no processo de busca da informação para o desenvolvimento das atividades acadêmicas e de pesquisa. Some-se a isto que o 100% dos entrevistados indicaram o hábito de citar o autor da fonte pesquisada. Outra finalidade da pesquisa foi identificar se os estudantes indígenas preferem pesquisar em formato impresso ou digital. Neste caso, a maioria dos entrevistados indicou preferência pelo formato impresso.

8.1 Conhecimento das bibliotecas digitais da BCE/UnB pelos estudantes indígenas

Um dos objetivos específicos da pesquisa foi saber se os estudantes indígenas conhecem as bibliotecas digitais da BCE/UnB. Os resultados indicam que os entrevistados conhecem as bibliotecas digitais da BCE/UnB, embora tenham preferência em acessar à Biblioteca Digital de Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (Biblioteca Digital de Monografias - BDM) porque acham que é mais fácil de acessar, seguido do Portal de Periódicos e Repositório Institucional. Vale salientar que, após a revisão do regulamento da BDM, em 2017, a Biblioteca Digital de Monografias recebeu outra denominação, passando a se chamar Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília, embora tenha sido mantida a sigla BDM³.

³ Cf. em: <http://bdm.unb.br/>.

8.2 Uso das bibliotecas digitais para o desenvolvimento das atividades acadêmicas e de pesquisa

Para atender a este objetivo, foram definidos cinco indicadores: recuperação, frequência de uso, lugar de acesso, relevância dos conteúdos e serviço de referência digital. Quanto à questão da recuperação, 64% (16) dos estudantes manifestaram que as bibliotecas digitais favorecem o desenvolvimento das atividades acadêmicas e de pesquisa, já que o conteúdo está disponível gratuitamente. No que concerne à frequência de uso das bibliotecas digitais, 84% (21) dos respondentes acessam a BDM e 64% (16) acessam o Repositório Institucional (RI). Contudo, fazem com pouca frequência. Quanto à Biblioteca Digital e Sonora (BDS), os resultados da coleta foram desconsiderados, haja vista que a BDS contém informação de acesso restrito para deficientes visuais cadastrados. E, no grupo de estudantes indígenas não existem alunos com deficiência visual. O Portal de Periódicos é outra base que foi citada por 80% (20) dos respondentes, também com pouca frequência. Por fim, o Portal de conferências é acessado por 40% (10) dos estudantes, como frequência mínima, de tal forma que 60% dos entrevistados nunca acessaram.

Quando questionados sobre o lugar de acesso, os estudantes indicaram que se dá mais a partir de computador próprio usado nas instalações da BCE/UnB (48%) ou a partir de casa (48%), além de em uma proporção mínima que acessa via laboratório da BCE/UnB (24%). Quanto aos conteúdos acessados, os alunos manifestaram em maior proporção que as bibliotecas digitais (BD) da BCE/UnB permitem o acesso de forma gratuita e que os conteúdos são atualizados e relevantes. Apesar disso, 16% (4) dos entrevistados manifestaram que não satisfazem suas necessidades de informação. O estudo também verificou o uso do serviço de referência digital, em que os resultados indicam que 56% (14) dos pesquisados fazem uso da referência digital e 44% (11) não utiliza nenhuma das referências digitais, como e-mail das bibliotecas digitais e formulário web de dúvidas, sugestões e reclamações.

8.3 Dificuldades dos estudantes indígenas no uso das bibliotecas digitais da BCE/UnB

Neste estudo, verificou-se que 78% dos estudantes não têm dificuldades para acessar as bibliotecas digitais. Todavia, os estudantes manifestaram que nem sempre foi assim, pois no início dos estudos tiveram algumas dificuldades. Outro item observado analisa o acesso à referência tradicional da BCE/UnB pelos estudantes, em que 80% dos respondentes indicaram que procuram a divisão de referência com o propósito de solicitar orientação sobre o uso das bibliotecas digitais. Para auxiliar nesse propósito, a BCE oferece treinamento para capacitar os usuários a acessar as diversas bases de dados que disponibiliza para a comunidade acadêmica.

Nesse caso, somente 24% dos estudantes indicaram que, às vezes, participam destas capacitações da BCE.

8.4 Sugestões dos estudantes indígenas para a Biblioteca Central da UnB

Neste estudo foram coletadas algumas sugestões a respeito dos serviços da BCE, em que se destaca a variedade. A ideia era buscar contribuições relevantes sob a ótica do usuário com as características dos estudantes indígenas, para que a BCE possa desenvolver projetos que atendam às demandas, quais sejam:

- a) Atualizar o acervo físico;
- b) Dar melhor visibilidade, divulgar as plataformas das bibliotecas digitais;
- c) Capacitar e orientar os estudantes indígenas calouros⁴;
- d) Disponibilizar pessoal no laboratório de informática para orientar a respeito das bibliotecas digitais;
- e) Os professores devem divulgar, falar sobre as bibliotecas digitais da UnB;
- f) Abrir um espaço na Maloca para possibilitar acesso às bibliotecas digitais.

Pode-se identificar que algumas das sugestões estão correlacionadas às atividades da BCE, como a atualização do acervo, capacitação de calouros e pessoal para orientação a respeito das bibliotecas digitais, realizadas regularmente. No entanto, cabe analisar carência na divulgação eficaz destas ações, para que possam atingir um público maior de estudantes, público-alvo da BCE e potenciais usuários das plataformas digitais. Ainda, a definição de turmas segmentadas, em que os indígenas formem um grupo específico, em que se sintam mais confortáveis em aprender dentre os membros de sua comunidade.

9 Conclusões e recomendações

A pesquisa demonstrou que os estudantes indígenas da UnB efetivamente acessam as bibliotecas digitais da BCE e têm como preferência a Biblioteca Digital de Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM), o Portal de Periódicos (PP) e o Repositório Institucional (RI), nessa ordem de acessos. Contudo, também foi possível verificar que fazem isso com pouca frequência, uma vez que consideram o buscador *Google* um acesso mais fácil, talvez por desconhecimento dos acervos das plataformas digitais da BCE. Nesse sentido, sugere-se à BCE implantar projetos específicos relacionados à orientação e treinamento para acesso ao acervo físico, bibliotecas digitais e às bases de dados para os estudantes indígenas calouros. Essas atividades deveriam ocorrer no início de cada semestre e, preferencialmente,

⁴ Estudante do primeiro ano de uma faculdade. Indivíduo novato em qualquer coisa. (Cf. em <https://www.dicio.com.br/calouro/>)

realizadas em parceria com a Coordenação da Questão Indígena (COQUEI) do Decanato de Assuntos Comunitários da UnB para ampliar a divulgação dentre os discentes indígenas. Para os demais calouros, a associação com o Diretório Central dos Estudantes (DCE) pode ampliar a promoção junto às demandas de novatos na instituição.

No que concerne à cultura tecnológica, foi necessário conhecer como os estudantes indígenas acessam a informação para desenvolver suas atividades acadêmicas ou de pesquisa e que tipos de aparelhos eletrônicos usam para acessar à internet. Os resultados mostram que mais do 50% dos alunos preferem acessar o *Google* dentre as plataformas digitais, e quando não encontram o que desejam, recorrem ao livro impresso. Para acessar a internet, os estudantes tendem a recorrer ao *smartphone*, computador e *laptop*. Apesar disso, o estudo permitiu inferir que os estudantes indígenas possuem uma cultura tecnológica limitada, mesmo tendo se apropriado de diversas tecnologias e o comportamento informacional esteja influenciado pelo advento da sociedade da informação. Percebe-se que os estudantes indígenas carecem de desenvolver habilidades informacionais e tecnológicas, visto que todos dentre os pesquisados possuem recursos que auxiliam o comportamento informacional e tecnológico. Mesmo assim, ao pesquisar informações para satisfazer as demandas nas áreas acadêmica e científica, as bibliotecas digitais da BCE não surgem como prioridade, o que torna indispensável a capacitação dos estudantes indígenas nos usos das ferramentas de acesso à informação.

Deve-se notar que, não somente os povos indígenas que têm essas limitações, mas também os setores que vivem em cidades onde a pobreza e a extrema pobreza não lhes permitem acessar plenamente à ciência e tecnologia deste século XXI.

Nesse cenário, indica-se como tarefa para a BCE, a capacitação acerca da conscientização na busca de informações em fontes confiáveis, apropriadas ao contexto da academia, preferencialmente com turmas específicas para estudantes indígenas, haja vista que possuem demandas e características socioculturais diferenciadas dos demais calouros. Além disso, e talvez por isso, sentem-se mais confortáveis entre membros da comunidade, o que deve tornar o aprendizado mais produtivo e efetivo. Ainda, para ampliar a divulgação das plataformas digitais e demais serviços da BCE, convém apostar em uso de folhetos impressos para informar e promover o acesso e uso das bibliotecas digitais. No caso específico dos estudantes indígenas na UnB, o estudo demonstrou que não é suficiente a difusão desse tipo de informação por meio do *site* da BCE ou mesmo pela rede social *Facebook*, posto que os estudantes precisariam conhecer primeiro a existência e importância desses serviços para sua formação acadêmica, antes de sentirem a necessidade de pesquisar informações em plataformas digitais.

Ainda sobre as dificuldades nos usos das bibliotecas digitais, somente dois dentre os respondentes apontaram a questão da ortografia como dificuldade para procurar informação. Desta forma, não se comprova o pressuposto traçado de que: *A língua dificulta o uso das bibliotecas digitais pelos estudantes indígenas da UnB*. Isto porque os estudantes manifestaram que, como os professores fornecem temas, autores e demais informações das bibliografias, os estudantes as transcrevem na opção da busca das plataformas digitais.

Dessa forma, percebeu-se que os problemas surgem mesmo da falta de conhecimento das plataformas digitais ou, em alguns casos, por se depararem com grande volume de informação. Neste caso, a demanda passa a ser de alfabetização informacional, que desenvolveria as habilidades necessárias para acessar as informações, de forma eficaz e eficiente.

Por fim, mas não menos importante, percebe-se que a língua portuguesa é uma dificuldade no processo de formação profissional destes estudantes, haja vista que se deparam com a mudança linguística nas universidades. Muitos chegam à instituição de ensino sem conhecer o suficiente da norma culta da língua portuguesa, essencial para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos. Trata-se de produto de uma formação deficiente, como relatado por um discente ao mencionar que aprendeu a falar português em Brasília, por exemplo. Todavia, o objetivo desta pesquisa não foi conhecer as dificuldades da fala e a escrita no processo de formação profissional. Certamente, pode servir para desenvolver outras investigações similares nas áreas da educação ou mesmo linguística, no futuro.

Referências

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARY (ACRL). **Information literacy competency for higher education**. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: <https://alair.ala.org/handle/11213/7668> Acesso em: 23 dez. 2017.

CALEFFI, Paula. "O que é ser índio hoje?" A questão indígena na América Latina/Brasil no início do século XXI. **Diálogos Latinoamericanos**, Aarhus, n. 7, p. 20-42, 2003. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/162/16200702.pdf> Acesso em: 2 ago. 2017.

CAMPHELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CLEVELAND, Gary. Bibliotecas Digitales: definiciones, aspectos por considerar y retos. **Biblioteca Universitaria**, Mexico, v. 4, n. 2, p. 108-117, julio-diciembre 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28540207> Acesso em: 6 abr. 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa. Método qualitativo, quantitativo e misto**. São Paulo: Artmed editora S.A., 2010.

CUNHA, J. A. C. da; RIBEIRO, E. M. S. A etnografia como estratégia de pesquisa interdisciplinar para os estudos organizacionais. **Qualitas: Revista Eletrônica**, v. 9, n. 2, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v9i2.692> Acesso em: 9 mai. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8> Acesso em: 6 abr. 2017.

DIGITAL LIBRARY FEDERATION (DLF). **A working definition of digital library**. 1998. Disponível em: <https://old.diglib.org/about/dldefinition.htm> Acesso em: 26 jan. 2017.

FIALHO, Maria Helena; MENEZES, Gustavo Hamilton; RAMOS, André. O ensino superior e os povos indígenas: a contribuição da Funai para a constituição de políticas públicas. In: SOUZA, Antonio Carlos Lima; MACEDO, Maria Barroso [orgs.]. **Povos Indígenas e Universidade no Brasil: contextos e perspectivas, 2004-2008**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013. p. 109-118. Disponível em: <http://laced.etc.br/site/pdfs/LivroPovosIndigenas.pdf> Acesso em: 08 fev. 2017.

FUHR, Norbert. *et al.* Evaluation of digital libraries. **International Journal of Digital Libraries**, v. 8, p. 21-28, November 2007. DOI 10.1007/s00799-007-0011-z. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/s00799-007-0011-z> Acesso em: 11 fev. 2017.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Salvador: Via Litterarum, 2010.

KOTHARI, C. R. **Research Methodology: Methods and techniques**. New Delhi: New Age International Publishers, 2004.

LE COADIC, Yves François. **Ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Revista Administração on line FECAP**, v. 2, n. 3, julho/agosto/setembro 2001. Disponível em: http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm Acesso em: 09 ago. 2017.

PROGRAMA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (PIIB) – NOTÍCIAS. **UnB destina 15 vagas específicas para indígenas**. 10/03/2004. UNB-Brasília-DF. Disponível em: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2004/03/10/13973-unb-destina-15-vagas-especificas-para-indigenas.html> Acesso em: 2 nov. 2016.

SANTOS, Lisyane Wanderley dos. A competência em informação na rede de bibliotecas do SECS: das origens a revisão de práticas de gestão. In: BELLUZZO, Regina Celia Baptista; FERES, Gloria Georges (Org.). **Competências em Informação**. São Paulo, SP: FEBAB, 2013. Disponível em: https://issuu.com/necfci-unb/docs/competencia_em_informacao_de_re Acesso em: 7 maio. 2017.

SANTOS, João Almeida; FILHO, Domingos Parra. **Metodologia científica**. São Paulo: Futura, 2013.

SAYÃO, Luís Fernando. Padrões para bibliotecas digitais abertas e interoperáveis. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, n. especial 1, p. 18-47, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/147/14720411003.pdf> Acesso em: 04 abr. 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SUAIDEN, Emir José. O processo de inclusão na sociedade de informação; os desafios educacionais e informacionais. **Informatio: Revista del Instituto de Información de la Facultad de Información y Comunicación**. Universidad de la República, Montevideo, Uruguay, v. 18, n. 1, p. 45-66, 2013. Disponível em: <http://informatio.eubca.edu.uy/ojs/index.php/Infor/article/view/135> Acesso em: 24 maio. 2016.

SUAIDEN, Emir José; LEITE, Cecília. **Cultura da informação**: Os valores na construção do conhecimento. Curitiba: CRV, 2016.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. **A biblioteca digital**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

TAMAYO Y TAMAYO, Mario. **Aprender a investigar**. Santa de Fe Bogotá: Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior, 1999.

TORRES, Thaíse. **Índigenas de 15 diferentes povos integram comunidade acadêmica da UnB**. 2017. Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/publicacoes/67-ensino/1697-indigenas-de-15-diferentes-povos-integram-comunidade-academica-da-unb> Acesso em: 22 nov. 2017.

TRAVANCAS; Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 98-109.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Cotas: negros, Índios**. [2004]. Disponível em: <http://www.alunoestrangeiro.unb.br/br/formas-de-ingresso/20-portugues/formas-tradicionais-de-ingresso/83-cotas> Acesso em 02 nov. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Vestibular indígena**. 2014. Disponível em: <http://unb2.unb.br/noticias/downloads/VESTIBULAR%20IND%C3%8DGENA.pdf> Acesso em 20 junh. 2017.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Programa de pós-graduação em linguística, Edital 03/2016**. 2016^a. Disponível em: http://unb2.unb.br/posgraduacao/stricto_sensu/editais/12016/Edital_M_Indigena_linguistica_1_2016.pdf Acesso em: 02 nov. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Programa de pós-graduação em antropologia social Edital nº 006/2016**. 2016^b. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/ppgasselecao/2017/Edital_PPGAS_Mestrado_Indigena_2_016.pdf Acesso em: 02 nov. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Programa de Pós-Graduação em Direito - Processo Seletivo 2017**. 2016^c. Disponível em: <http://www.fd.unb.br/pt/processo-seletivo-2/processoseletivo2017> Acesso em: 2 nov. 2016.

VARGAS, Georgina Araceli Torres. **La biblioteca digital**. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.